



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL

30 e 31 de agosto de 2018

MACHISMO E AGENCIAMENTO: TRAÇANDO APROXIMAÇÕES CONCEITUAIS

Ms. Pedro Mestre Passini
psi.pmpassini@gmail.com

Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Resumo

O presente trabalho procurou aproximar o machismo do conceito de agenciamento como trabalhado por Deleuze e Guattari. Partindo de uma investigação teórica, discutiu-se as implicações do machismo como componente subjetivante da sociedade contemporânea, assim como, diante de sua permeabilidade aos corpos componentes da mesma, ele incide desejantemente como articulador de poder e de modos de vida. Partindo desse entendimento se propõe uma maior maleabilidade dos corpos em se realocarem diante dos ordenamentos reproduzidos por tal agenciamento, dependendo de sua graduação de identificação com os valores, discursos e práticas agenciadas pelo machismo.

Palavras-chave: machismo; agenciamento; poder.

Introdução

O que é o machismo? Essa pergunta parece simples pelo comum que a palavra ganhou na contemporaneidade. Com o advento da luta feminista foi notório seu ganho de espaço nas discussões cotidianas, vinculadas à mídia *mainstream*, as redes sociais e as conversas corriqueiras. Recorrendo ao dicionário *on-line* Michaelis (Machismo, 2018) encontram-se 3 definições para o termo, sendo elas: “1. Qualidade, comportamento ou modos de macho (homem); macheza, machidão. 2. COLOQ Orgulho masculino em excesso; virilidade agressiva. 3. Ideologia da supremacia do macho que nega a igualdade de direitos para homens e mulheres.” Baseando-se, essa última, na conceituação feminista do termo, introduzida na América Latina entre as décadas de 1950 e 1960 (Opazo, 2008), ela corrobora com a conceituação vinculada pelas ciências sociais que o entende como um sistema ideológico que articula questões de representação e de dominação do masculino sobre o feminino (Drumont, 1980; Gregori, 1993). Trazendo a discussão para o



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL

30 e 31 de agosto de 2018

escopo da psicologia social, buscaremos acrescentar nuances ao conceito de machismo tratando-o não apenas como uma ideologia, mas como um agenciamento, segundo a teoria de Deleuze e Guattari (2011, 2012).

O conceito de agenciamento é articulado por Deleuze e Guattari (2011, 2012) para complexificar as formas de atualização, organização e manutenção de poderes já instituídos através do processo de subjetificação implicado diretamente em todos os corpos que habitam o social marcado por tal agenciamento. O que se diferencia de um corpo ao outro é seu grau de permeabilidade aos valores, discursos e práticas agenciados de acordo com seu posicionamento identitário na grade cultural da sociedade em questão (Rolnik, 2018). O presente trabalho, por tanto, buscou realocar o machismo de sua definição estritamente ideológica para o conceito de agenciamento, afim de traçar seus atravessamentos subjetivos na variedade de corpos que compõem a complexa trama social, sempre atento as variações de grau de sua reproduzibilidade em cada corpo/sujeito.

Procedimentos metodológicos

O trabalho se caracteriza como uma pesquisa teórica, uma vez que tem a intenção de traçar ligações e aproximações entre conceitos (Demo, 2005, p. 75). Neste caso, a aproximação está entre o conceito de machismo e o de agenciamento. Longe de se pretender uma verdade, o que se busca é fomentar a discussão do machismo e de suas implicações sociais. Entende-se que o fato de complexificar teoricamente determinado conceito pode proporcionar novas maneiras de atuação aos profissionais da área (Demo, 2005, p. 76), aqui em específico da psicologia social.

Resultados e Discussão

Ao deslocar o machismo de uma proposta ideológica busca-se atribuir novos contornos ao sistema de representação e dominação (Drumont, 1980) que ele articula. Observando mulheres que reproduzem práticas e discurso de diminuição da mulher em detrimento do homem e as reproduções de violência e abuso entre casais homoafetivos que mimetizam papéis masculinos e femininos em seus



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL **30 e 31 de agosto de 2018**

relacionamentos, vemos que o machismo, ou a relação de poder do masculino sobre o feminino, não habita apenas corpos masculinos, mesmo esses sendo seus maiores reprodutores. Por isso, ao nos aproximarmos da noção de agenciamento pretende-se colocar o machismo como um agente de via dupla, onde, ao mesmo tempo que é agente produtor, é também produzido no encontro de corpos do social. Segundo Deleuze e Guattari (2011), um agenciamento remete

a um estado preciso de mistura de corpos em uma sociedade, compreendendo todas as atrações e repulsões, as simpatias e as antipatias, as alterações, as alianças, as penetrações e expansões que afetam os corpos de todos os tipos, uns em relação aos outros. (p. 33)

Ou seja, um agenciamento não escolhe quais corpos serão alvo de suas atuações, nem quais corpos o reproduzirão, ele se articula de maneira desejanter, habitando os corpos que se fazem disponíveis aos seus discursos, suas práticas, seus valores, seus signos e suas relações de poder. Entendido, mais especificamente, enquanto um agenciamento de poder, o machismo se articula dentro de uma lógica autoritária que constantemente renova seus meios de produção, fazendo com que seus mecanismos de atuação incidam diretamente na ordem de produção desejanter (Deleuze & Guattari, 2012, p. 54). Nesse sentido, ele está relacionado diretamente ao processo de subjetivação, sendo o desejo parte fundamental, juntamente com o poder, dos estratos que compõem o agenciamento (Deleuze & Guattari, 2011, p. 103-104). Através desse entendimento duplo do agenciamento, de poder e de desejo, podemos pensar que os corpos são atravessados por partículas de subjetivação que compõem a complexa máquina de expressão (modos de fala, conceitos, valores, imagens, ações), assim, sendo um corpo hétero ou homo, cis ou trans, masculino ou feminino, binário ou não-binário, sexual ou assexual, estão todos sujeitos a reproduzir desejanter partículas do machismo e, desta maneira, produzir modos de existência pautadas pela supremacia de traços de masculinidade sobre traços de feminilidade.

O que se difere entre os corpos é a intensidade de reprodução das articulações machistas. Essa intensidade depende das graduações de proximidade entre o corpo e a grade cultural (Rolnik, 2018, p. 65) que pautará sua inserção e



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL **30 e 31 de agosto de 2018**

aceitação dentro do escopo do patriarcado – entendido como uma das instituições norteadoras da grade cultural vigente (Rolnik, 2018, p. 74). Essa diferença de graduação implicará em dois movimentos distintos: o primeiro é o nível de reprodução do machismo, ou seja, quanto mais englobado pela grade cultural (hétero, cis, masculino, binário e sexual) maior a possibilidade da identificação do sujeito com o machismo e, em consequência, há maior possibilidade de reprodução das práticas machistas; o segundo é a potência de desconstrução, de deslocamento, ou ainda de produção de outras formas de existência, para além do machismo que, seguindo uma graduação oposta ao primeiro movimento, acontecem com mais intensidade quanto mais distante da identificação priorizada pela grade cultural.

Essa diferença se apresenta, segundo Rolnik (2018), pelo grau de tensão que habita os corpos, considerados subalternos por determinada configuração cultural. Tensão essa provocada pelo atrito conflituoso entre as formas de vida que se pretendem e a ordem propostas e reproduzidas pelo machismo agenciado nos corpos. A questão que se pode colocar é que, em determinado grau, todo corpo sofre dessa tensão. O poder implicado na ordem do desejo se produz como suposto ordenador da vida. Porém, esse mesmo tensionamento é o que possibilita a criação de modos de vida que desloquem os corpos da simples reprodução dos sistemas de poder e os impelem a buscar formas de existências que não se baseiem no processo de dominação do masculino sobre o feminino.

Conclusões

O machismo ao ser compreendido como um agenciamento, onde se implicam a problemática do poder e do desejo por esse poder, passa a habitar um lugar de destaque como valor e conceito na grade cultural vigente da sociedade ocidental. Assim, sua incidência não se limita aos corpos masculinos, mas sim, se amplia a todos os corpos que compartilham do socius. Como um agenciamento, o machismo atua micropoliticamente nos corpos, incidindo em seus desejos e modos de existência. O que se modifica de um corpo para o outro é seu grau de confluência com os valores, discursos e práticas de poder do machismo estrutural e, por consequência, seu grau de permeabilidade à produção subjetiva agenciada por tal



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL

30 e 31 de agosto de 2018

agente. De toda forma, quanto maior o grau de identificação com os valores, discursos e práticas, mais próximo o sujeito estará da reprodução integral dessa forma de dominação e, por tanto, maior terá de ser sua implicação na descolonização do desejo programado por tal agenciamento.

Referências

- Deleuze, G, Guattari, F. (2011) *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, Vol. 2.* (2ª ed.) (A. L. de Oliveira & L. C. Leão, Trad.). São Paulo, SP: Editora 34. (Original publicado 1980)
- Deleuze, G, Guattari, F. (2012) *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, Vol. 3.* (2ª ed.) (A. Guerra Neto & A. L. de Oliveira & L. C. Leão & S. Rolnik, Trad.). São Paulo, SP: Editora 34. (Original publicado 1980)
- Demo, P. (2005) Teoria – Para quê?. *Revista Eletrônica de Gestão Organizacional*, 3 (2), 73-79. Acesso em http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/9654/1/ARTIGO_TeoriaParaQue.PDF
- Drumont, M. P. (1980) Elementos para uma análise do machismo. *Perspectivas*, 3, 81-85. <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/108171/ISSN1984-0241-1980-3-81-85.pdf?sequence=1>
- Gregori, M. F. (1993) As Desventuras do Vitimismo. *Estudos Feministas*, 1, 143-149. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/15998/14498>
- Machismo. (2018) In *Michaelis online*. Acessado em <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/machismo/>
- Opazo, R. M. (2008) *Latino Youth and Machismo: Working Towards a More Complex Understanding of Marginalized Masculinities*. Acesso em Digital Commons @ Ryerson <http://digitalcommons.ryerson.ca/dissertations> Paper 108.
- Rolnik, S. (2018) *Esferas da Insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo, SP: n-1 edições.